**SÓCRATES E PAULO FREIRE – DIÁLOGO E LIBERTAÇÃO DO HOMEM**

BRASIL, Dildo Pereira[[1]](#footnote-1)

Os naturalistas procuravam responder à seguinte questão: **‘O que é a natureza ou realidade última das coisas?’** Sócrates, porém, procura responder à questão: **‘O que é a natureza ou realidade última do homem?’**, ou seja, **‘o que é a essência do homem?’**. (REALE, Giovanni. p. 87).

**Resumo:** nosso objetivo nesta pesquisa que apresentamos em forma de texto-relatório é explicitar as principais convergências entre a prática educativa de Sócrates (Atenas 470/469 – 399) e Paulo Freire (Brasil setembro de 1921 – maio de 1997). Mais especialmente na questão dos métodos dos dois pensadores. A pergunta que desencadeou a pesquisa foi: que semelhanças podem existir entre a maiêutica de Sócrates e a proposta leitura do mundo e da palavra de Paulo Freire? Sabemos que Paulo Freire se dizia seguidor do método socrático, mas dessa afirmação até a comprovação das semelhanças entre as duas propostas de educação do homem (Paideia) há um espaço que precisa ser trilhado pelo educador-pesquisador. Para perfazer este caminho, optamos pela pesquisa bibliográfica. Sobre a proposta de Sócrates recorremos aos livros de história da filosofia, sobre a Pedagogia da Libertação recorremos às obras do próprio pedagogo brasileiro.

**Palavras-Chave:** Maiêutica. Método Socrático. Diálogo. Pedagogia da Libertação. Sócrates e Paulo Freire.

**Linha temática: Formação Inicial e Continuada de Professores (FP)**

**Introdução**

Suponhamos que nos seja proposta ou imposta a tarefa de dar uma aula sobre Paulo Freire e sua proposta pedagógica. Suponhamos, também, que não temos nada em mãos para começar a preparar o roteiro sobre a referida tarefa. Então, devemos começar por nos perguntarmos se a proposta deste grande pensador brasileiro tem algum similar na historia da educação, da pedagogia e da filosofia ocidentais. Nossa hipótese primeira é que, sem muita dificuldade, vamos direto à Grécia Clássica e lá vamos encontrar, antes de muitas andanças, o pai da filosofia do homem. Aquele que, sem muito divergir dos seus antecessores, deu novo rumo às investigações filosóficas ao colocar o homem no centro das buscas e reflexões sobre o mundo e a natureza. Trocou a busca pela *arkhé* da *phisys* pela busca dos valores que orientam as ações do homem em sociedade, isto é, o *antropos.*

Agora suponhamos que a nossa tarefa seja, não a acima mencionada, mas a busca desinteressada pelo significado do termo diálogo ou do conceito de dialogicidade. Onde quer que estes apareçam, seja juntos ou separadamente. A nossa hipótese é que qualquer caminho que tomarmos iremos chegar à Grécia Clássica e lá chegando não teremos outra saída a não ser nos encontrarmos com um senhor de meia idade ou mesmo um ancião entre os sessenta e setenta anos de idade, rodeado de discípulos jovens (e de todas as idades) falando-lhes em praça pública sem deles nada cobrar em dinheiro. Talvez, apenas sugerindo-lhes que multipliquem o método aprendido (o termo multiplicar não pertence à Grécia Clássica, mas é produto da pedagogia moderna). Este grego se chama Sócrates. Seu pai era um escultor de nome Sofronisco e sua mãe uma parteira chamada Fenareta. Segundo as poucas informações que temos ele nasceu em Atenas por volta do ano 470 ou 469 a.C, “época em que findava a guerra entre os gregos e os persas (guerras médicas) e quando a vitória da Grécia marcaria o início da fase áurea da democracia ateniense.” (p. 20).

Porém, se voltarmos ao Brasil dos anos 60, um pouco antes do fatídico 01 de abril de 1964 (nunca admitido pelos agentes dos acontecimentos daquela época), vamos encontrar um jovem professor do departamento de cultura e extensão do SESI de Pernambuco. Este professor pernambucano, com nome bem mais longo que o grego de que falamos acima, se chama Paulo Reglus Neves Freire e nasceu em [Recife](https://pt.wikipedia.org/wiki/Recife) a [19 de setembro](https://pt.wikipedia.org/wiki/19_de_setembro) de [1921](https://pt.wikipedia.org/wiki/1921) e faleceu em [São Paulo](https://pt.wikipedia.org/wiki/S%C3%A3o_Paulo_%28cidade%29) no dia [2 de maio](https://pt.wikipedia.org/wiki/2_de_maio) de [1997](https://pt.wikipedia.org/wiki/1997). Foi [educador](https://pt.wikipedia.org/wiki/Educa%C3%A7%C3%A3o), [pedagogo](https://pt.wikipedia.org/wiki/Pedagogista) e [filósofo](https://pt.wikipedia.org/wiki/Fil%C3%B3sofo). E, por sua obra, escrita e vivenciada em diversos países e continentes, é considerado um dos pensadores mais notáveis na [história](https://pt.wikipedia.org/wiki/Hist%C3%B3ria) da [pedagogia](https://pt.wikipedia.org/wiki/Pedagogia) mundial. Influenciou o movimento chamado [pedagogia crítica](https://pt.wikipedia.org/wiki/Pedagogia_cr%C3%ADtica) e criou o que ficou conhecido como Pedagogia da Libertação. É também o Patrono da Educação Brasileira.

Como Sócrates na Grécia do século V a.C. Paulo Freire (século XX) indicou novos caminhos para a educação no Brasil e no mundo a partir de princípios muito simples e já conhecidos em outras áreas do saber elaborado. O diálogo e a libertação do homem são apenas dois destes princípios.

**Perguntas necessárias e norteadoras destas reflexões**

Ao iniciarmos as nossas reflexões a primeira pergunta que se nos veio foi sobre o método socrático. O que é Maiêutica? E, com esta questão, passamos a investigar sobre a relação entre o método socrático da maiêutica e o sentido do diálogo na construção do conhecimento na Grécia Clássica. Passamos a olhar a realidade daquela época e da cultura ali existente perguntando-nos quais eram os problemas enfrentados pelo pensar filosófico e pedagógico daquele povo e lugar a partir do interior das circunstancias que os envolviam. Qual o pensar e as ações pedagógicas que eram exigidos daqueles que se ocupavam da educação das novas gerações? E estas questões levaram-nos à questão sobre o principio fundante do método socrático.

Resolvemos, então, pelo exíguo espaço de que dispomos, conduzir nossas reflexões na seguinte ordem: duas ou três palavras sobre o método socrático, ou seja, uma rapidíssima conceituação do termo diálogo; em seguida um curto resumo do que se deve entender por maiêutica e, por fim, uma síntese resumida sobre o principio fundante do método dialógico utilizado por Sócrates e por Paulo Freire.

● O Método Socrático: o que se entende quando se ouve ou se profere este termo? Sócrates utilizou-se do método dialógico. Mas dialogar para Sócrates, assim como para Paulo Freire, é muito mais do que apenas confrontar dois discursos sobre algo ou algum assunto. Para ambos, dialogar é uma prática que exige a arte da comunicação profunda, deve ir para além das aparências e da *doxa* (opinião). Por isso, diálogo é muito mais do que a simples conversação, que a comunicação que se faz no dia a dia, aquela das conversas informais ou, em tempos modernos, a comunicação que se recebe dos meios de comunicação de massas, dos *mass media*, que entram nas casas e nos carros de todos diuturnamente. Para haver diálogo é necessário haver interlocutores, no mínimo dois. Porém, pode ser mais que dois. Deve haver um tema ou assunto a ser investigado, sobre o qual os interlocutores queiram refletir. Disposição dos interlocutores para o debate, isto é, o desejo de ambos a cavoucar a fundo as diversas dimensões do tema a ser explicitado e transformado em *scientia*, conhecimento acumulado e socializado com uma ampla comunidade de especialistas. E, indispensavelmente, humildade de todos os participantes do diálogo. Todos os interlocutores devem “saber que não sabe” ou, pelo menos, supor para si a condição de não saber.

Sem estes elementos fundamentais o diálogo não se concretiza, não se deixa ser verdadeiro, efetivamente dialógico, isto é, reflexão por meio da palavra racional. Por meio do pensamento gestado e elaborado pela razão. A maiêutica socrática supõe esta condição indispensável ao diálogo. Pois, seu principal objetivo, seu fim último, é a superação da *doxa*.

● A Maiêutica: a maiêutica ou, segundo o próprio Sócrates, a arte de fazer parir ou ajudar na parturição do espírito (da *psykhé*) é um método composto de duas partes.

1ª Parte: compreendida pela Ironia. Esta primeira parte do método socrático é o momento das perguntas. Ironia neste caso significa Perguntar. Neste momento o filósofo faz perguntas ao seu interlocutor sobre o tema/assunto em questão. Comumente se diz que o filósofo finge não saber. Porém, o próprio filósofo diz que, muitas vezes ele não sabe mesmo e suas perguntas não são apenas artifício da retórica e fingimento. São dúvidas verdadeiras e seu desejo de conhecer também é verdadeiro. Nesta primeira parte do método acontece, também, a desconstrução da *doxa*, das opiniões e do saber falso e superficial que fazia a pessoa, até então, pensar que sabia o que, na verdade, não sabia ou tinha sobre isto apenas conhecimento parcial e impreciso.

2ª Parte: é a Maiêutica propriamente dita. É o momento que, através do diálogo, os interlocutores, e não apenas um deles, a partir dos conhecimentos e/ou verdades que possuíam até então, começar a construção de um conhecimento novo, mais preciso e mais verdadeiro. A esta construção do conhecimento novo, do saber que não existia antes. Sócrates chama de parto ou Fazer Parir o espírito. Trazer à luz o conhecimento que já existia na alma da pessoa, mas não se deixava mostrar. Platão vai usar o conceito de reminiscência para compreender este processo de construção do conhecimento.

● Princípio Fundante do Método Socrático: é o que fundamenta ou sustenta epistemologicamente o método socrático da maiêutica e sua concepção de Condição Humana ou, dito de outro modo, a forma como ele concebe a “situação do homem no mundo” ou, ainda, a concepção antropológica a partir da qual ele pensa o homem e o mundo. Resumidamente (até certo ponto demasiado superficial) a concepção antropológica de Sócrates, que será a mesma de Paulo Freire, pode ser resumida em seis pontos que são os seguintes:

1. Não Saber (o homem não sabe, não conhece. É um ser ignorante pela própria natureza). Esta é a condição natural do homem. Do ser humano.
2. Saber que não sabe (principio de todo conhecimento). Nem todos sabem que não sabem. Ao contrário, há muitos que pensam saber, quando na verdade não sabem. Condição que os coloca na posição de desumanos, menos humanos do que deveriam ou poderiam ser. Seus acusadores no processo que o levou à morte são os melhores exemplos disso.
3. Saber que pode saber (raiz de toda ciência e, também, da Filosofia). É, na verdade, o terceiro passo rumo ao conhecimento cientifico ou filosófico. É necessário que a pessoa saiba que pode saber, reconhecer no ser humano essa capacidade. Sem o que jamais se pode procurar o conhecimento. Sem o que permanecer-se-á eternamente na ignorância e, portanto, na condição desumana.
4. Perguntar (Ironia ou 1ª parte da maiêutica). O perguntar é o terceiro passo rumo ao conhecimento verdadeiro, rumo à verdade à qual todo homem, inclusive o escravo, está destinado. É, também, o quarto elemento da antropologia socrática. Pois, sem as perguntas, feitas a si mesmo, à natureza e a outrem (seus semelhantes), não se pode chegar à *scientia* ou conhecimento verdadeiro e necessário à vida em sociedade. É o que Sócrates chama de “a vida refletida”, passada pelo crivo do exame da reflexão, da análise filosófica.
5. Examinar racionalmente as respostas encontradas. Pois, as respostas encontradas podem ser falsas. Exemplo disso é a arte dos Sofistas, contra quem Sócrates se opõe de modo muito incisivo.
6. Localizar o Homem no Mundo (na Natureza e no Universo): para os filósofos pré-socráticos, que vieram antes de Sócrates, a filosofia consistia em buscar a origem de todas as coisas, de tudo que existe na natureza (por isso ficaram conhecidos como physicos ou filósofos da natureza). Para Sócrates, porém, o “centro” de toda busca e investigação deve ser o Homem. Concorda com Protágoras (sofista) quando este afirma que “o homem é a medida de todas as coisas”. Pois, o primeiro a ser conhecido deve ser o Sujeito Cognoscente. Depois a *arkhé* de todas as coisas, como queriam os que lhe antecederam. Adota para si o dístico que havia no pórtico do templo de Delfos “conhece-te a ti mesmo”. E o que é conhecer para Sócrates? Conhecer é ter conceitos precisos e verdadeiros. Conceitos que contrariam a *doxa*. O senso comum. Os saberes do homem da rua.

Não muito diferente de Sócrates, Paulo Freire parte da incompletude do homem para buscar a construção, via diálogo, do conhecimento necessário à libertação do homem oprimido pela colonização e pela exploração opressora a ele imposta pela sociedade de classes. Para o pensador brasileiro o homem do povo, destituído dos bens produzidos por ele e seus pares, encontra-se subtraído do que lhe é mais essencial e indispensável no reconhecimento do ser homem: a palavra. O método dialógico de Paulo Freire tem por objetivo primeiro a retomada da palavra pelo homem colonizado e destituído do seu ser. Sendo cristão católico o pensador pernambucano une a maiêutica socrática aos princípios do cristianismo para construir sua epistemologia da libertação. Para ele, o homem tem uma alma (a psykhé grega), e esta se manifesta na palavra proferida em liberdade. Também o conhecimento só pode ser verdadeiro se construído na comunhão dos homens, mediado pelo mundo. Qualquer submetimento do homem a qualquer tipo de opressão desumaniza, tanto o oprimido quanto o opressor.

Para Sócrates, segundo sua concepção antropológica, o Homem tem uma essência. Essa essência é a Alma. (cf. REALE, 1990, p. 87, vol. I). A verdade, afirmava ele, está (mora) na alma (psykhé). E esta é a capacidade racional de conhecer o Mundo e o próprio Homem (este primeiro). Eis aqui o que diferencia (Sócrates, o Método de Sócrates) dos Sofistas e do método educativo destes, uma vez que para estes o Homem é apenas o discurso bem elaborado (retórica) sobre o homem e a natureza.

**Conclusões não conclusivas**

A Maiêutica ou Método Socrático é dialética, dialógica e sustentada por uma Teoria do Conhecimento e por uma nova, para sua época, proposta (concepção) epistemológica. Pois, com a maiêutica o filósofo propõe uma nova forma de conhecimento, indica uma forma diferente de se conhecer o homem e o mundo. O que se deve conhecer primeiro é o próprio Homem, por ser ele o sujeito cognoscente (o homem deve começar a conhecer conhecendo-se a si mesmo). Ensina que o objeto da filosofia é, e deve ser, em primeiro lugar a Vida Moral do homem. Com isso trás para a filosofia, para a reflexão filosófica, a reflexão Ética (Vida + Valores = Ações) como conteúdo do saber, como conteúdo primeiro e essencial da Sabedoria. Também a Educação como lugar da construção da verdade e o Diálogo como processo da construção da verdade.

Sócrates é acusado, julgado e condenado à morte. As acusações contra ele não foram feitas por indivíduos, mas por grupos organizados das classes dominantes. Tudo começou com um oráculo (espécie de profecia) da pitonisa do Templo de Delfos que afirmou que Sócrates era o mais sábios de todos os atenienses. Isso irritou aos que se julgavam e eram tidos por sábios e poderosos da cidade de Atenas. E quem eram estes que a Pitonisa disse serem menos sábios que Sócrates? Os Políticos. Os Poetas e Os Artífices. São os representantes destes grupos que vão ao tribunal denunciar, acusar, levar a julgamento e condenarem a Sócrates. Meleto representando os Poetas. Anito representando os Artífices e Lincon representando os Políticos. De quais crimes o acusam? De três graves crimes: a) Corromper a Juventude com ideias subversivas; b) Negar a existência dos deuses da cidade de Atenas e c) Criar outros deuses e a eles prestar culto.

No Brasil, os grupos ou classes que assumiram o poder com o golpe militar de abril de 1964, não aceitaram a proposta de libertação das massas subjugadas e oprimidas pelo sistema vigente. Por isso denunciaram Paulo Freire, prenderam-no e o condenaram ao exílio de 15 anos. Porém, assim como o assassinato de Sócrates não calou sua voz, o exílio de Paulo Freire só fez florescer e solidificar suas ideias de liberdade e sua proposta de libertação do homem oprimido. Foi pelo exílio que o mundo pode conhecer a Pedagogia da Libertação proposta por Paulo Freire. Também o exílio lhe rendeu milhares de discípulos fora e dentro da sua terra natal: o Brasil.

A pedagogia do oprimido, para além da obra que leva este nome, tem como principal característica e eixo de sustentação epistemológica, o diálogo e a dialética que a estrutura. Para Paulo Freire o ser humano é, essencialmente, um ser para o diálogo e para a liberdade. E a principal característica do diálogo é a amorosidade.

Para encerrar estas reflexões, vejamos o que registra Platão sobre as origens das acusações contra Sócrates. (PLATÃO. Defesa de Sócrates. **(**Tradução de Jaime Bruna). In: Col. Os pensadores – texto digitalizado da 4ª ed. — São Paulo: Nova Cultural, 1987. Pag. 37-39):

*Examinai por que vos conto eu esse fato; é para explicar a procedência da calúnia. Quando soube daquele oráculo pus-me a refletir assim. "Que quererá dizer o deus? Que sentido oculto pôs na resposta? Eu cá não tenho consciência de ser nem muito sábio nem pouco; que quererá ele, então, significar declarando-me o mais sábio? Naturalmente, não está mentindo, porque isso lhe é impossível." Por longo tempo fiquei nessa incerteza sobre o sentido; por fim, muito contra meu gosto, decidi-me por uma investigação, que passo a expor. Fui ter com um dos que passam por sábios, porquanto, se havia lugar, era ali que, para rebater o oráculo, mostraria ao deus: "Eis aqui um mais sábio que eu, quando tu disseste que eu o era!" Submeti a exame essa pessoa - é escusado dizer o seu nome; era um dos políticos. Eis, Atenienses, a impressão que me ficou do exame e da conversa que tive com ele; achei que ele passava por sábio aos olhos de muita gente, principalmente aos seus próprios, mas não o era.*

*Meti-me, então, a explicar-lhe que supunha ser sábio, mas não o era. A consequência foi tornar-me odiado dele e de muitos dos circunstantes.*

*Ao retirar-me, ia concluindo de mim para comigo: "Mais sábio do que esse homem eu sou; é bem provável que nenhum de nós saiba nada de bom, mas ele supõe saber alguma coisa e não sabe, enquanto eu, se não sei, tampouco suponho saber. Parece que sou um nadinha mais sábio que ele exatamente em não supor que saiba o que não sei."*

*Daí fui ter com outro, um dos que passam por ainda mais sábios e tive a mesmíssima impressão; também ali me tornei odiado dele e de muitos outros.*

*Depois disso, não parei, embora sentisse, com mágoa e apreensões, que me ia tornando odiado; não obstante, parecia-me imperioso dar a máxima importância ao serviço do deus. Cumpria-me, portanto, para averiguar o sentido do oráculo, ir ter com todos os que passavam por senhores de algum saber.*

*Pelo Cão, Atenienses! Já que vos devo a verdade, juro que se deu comigo mais ou menos isto: investigando de acordo com o deus; achei que aos mais reputados pouco faltava para serem os mais desprovidos, enquanto outros, tidos como inferiores, eram os que mais visos tinham de ser homens de senso. Devo narrar-vos os meus vaivens nessa faina de averiguar o oráculo.*

*Depois dos políticos, fui ter com os poetas, tanto os autores de tragédias como os de ditirambos e outros, na esperança de aí me apanhar em flagrante inferioridade cultural. Levando em mãos as obras em que pareciam ter posto o máximo de sua capacidade, interrogava-os minuciosamente sobre o que diziam, para ir, ao mesmo tempo, aprendendo deles alguma coisa. Pois bem, senhores, coro de vos dizer a verdade, mas é preciso. A bem dizer, quase todos os circunstantes poderiam falar melhor que eles próprios sobre as obras que eles compuseram. Assim, logo acabei compreendendo que tampouco os poetas compunham suas obras por sabedoria, mas por dom natural, em estado de inspiração, como os adivinhos e profetas. Estes também dizem muitas belezas, sem nada saber do que dizem; o mesmo, apurei, se dá com os poetas; ao mesmo tempo, notei, por causa da poesia, eles supõem ser os mais sábios dos homens em outros campos, em que não o são. Saí, pois, acreditando superá-los na mesma particularidade que aos políticos.*

*Por fim, fui ter com os artífices; tinha consciência de não saber, a bem dizer, nada, e certeza de neles descobrir muitos belos conhecimentos. Nisso não me enganava; eles tinham conhecimentos que me faltavam; eram, assim, mais sábios que eu. Contudo, Atenienses, achei que os bons artesãos têm o mesmo defeito dos poetas; por praticar bem a sua arte, cada qual imaginava ser sapientíssimo nos demais assuntos, os mais difíceis, e esse engano toldava-lhes aquela sabedoria. De sorte que perguntei a mim mesmo, em nome do oráculo, se preferia ser como sou, sem a sabedoria deles nem sua ignorância, ou possuir, como eles, uma e outra; e respondi, a mim mesmo e ao oráculo, que me convinha mais ser como sou.*

*Dessa investigação é que procedem, Atenienses, de um lado, tantas inimizades, tão acirradas e maléficas, que deram nascimento a tantas calúnias, e, de outro, essa reputação de sábio. É que, toda vez, os circunstantes supõem que eu seja um sábio na matéria em que confundo a outrem. O provável, senhores, é que, na realidade, o sábio seja o deus e queira dizer, no seu oráculo, que pouco valor ou nenhum tem a sabedoria humana; evidentemente se terá servido deste nome de Sócrates para me dar como exemplo, como se dissesse: "O mais sábio dentre vós, homens, é quem, como Sócrates,
compreendeu que sua sabedoria é verdadeiramente desprovida do mínimo valor." Por isso não parei essa investigação até hoje, vagueando e interrogando, de acordo com o deus, a quem, seja cidadão, seja forasteiro, eu tiver na conta de sábio, e, quando julgar que não o é, coopero com o deus, provando-lhe que não é sábio. Essa ocupação não me permitiu lazeres para qualquer atividade digna de menção nos negócios públicos nem nos particulares; vivo numa pobreza extrema, por estar ao serviço do deus. (Pag. 6 – 8 – Texto digitalizado sem indicação de tradutor nem edição de origem).*

**Bibliografia Consultada**

ARANHA, Maria Lucia Arruda; MARTINS, Maria Helena Pires. **Filosofando: Introdução à Filosofia.** 6ª ed. São Paulo: Moderna, 2016.

CHAUÍ, Marilena. **Convite à Filosofia**. 14ª ed. São Paulo: Ática, 2010.

OS PENSADORES. **Sócrates**. São Paulo: Editora Nova Cultural, 1999. (Coleção “Os Pensadores” – Sócrates vida e obra).

SCIACCA, Michele Federico. **História da Filosofia**. (3ª ed.). São Paulo: Editora Mestre Jou, 1967. (Vol. 1, p. 49-61).

REALE, Giovanni e ANTISERI, Dario. **História da Filosofia**. São Paulo: Paulinas, 1990. (Vol. 1, p. 85-102).

JAEGER, Werner Wilhelm. **Paideia: a formação do homem grego**. (3ªed.). São Paulo: Martins Fontes, 1994.

SCOCUGLIA, Afonso Celso. **A História das Ideias de Paulo Freire e a atual crise de paradigmas**. (2ª Ed.). João Pessoa: Editora Universitária/UFPB, 1999.

1. - Doutor em Filosofia da Educação pela FE/USP. Professor substituto de Educação no curso de Licenciatura em Química do IFSP-Campus Capivari-SP. [↑](#footnote-ref-1)